

OPINIÃO DO LEITOR**Os Caiabi acordaram alguém... - 1**

Surpreende, ao final do século XX, a desinformação em torno da problemática indígena e social no Brasil. Passados 500 anos da chegada do colonizador lusitano nas terras brasileiras, pouca coisa se alterou face à postura básica adotada por aquele colonizador frente às populações nativas americanas, é o que revela o sonolento artigo, "alguém tem que acordar para vida!", publicado em A Gazeta de 09/11/98.

Os tupiniquins, anfitriões da esquadra de Cabral, ofereceram uma hospitalidade sem paralelo na Europa aos navegantes portugueses, chagados de escorbuto, malcheirosos pelas condições de meses de navegação nas caravelas, sedentos de cuidados, sexo e riquezas. Encontraram o que ansiavam. Foram recebidos na praia, não a flechadas ou por uma polícia de emigração racista e intolerante, como a que hoje opera na maioria dos aeroportos do primeiro mundo. Os marinheiros receberam alimentos, cuidados, carinho da parte dos anfitriões nativos. Em troca, ofereceram brindes e novidades do mundo civilizado: tuberculose, sífilis, gripe, varíola, caxumba, escorbuto, cruz e espada, surpresinhas da modernidade que abriram o primeiro rasgo de morte e destruição. Foram centenas de povos indígenas dizimados pelos vírus e bactérias civilizados. Tão logo veio a escravização dos indígenas e o saque das suas riquezas em retribuição à hospitalidade indígena. Depois vieram as guerras contra os Tapuias, índios do sertão, verdadeiros massacres, acompanhados de toda sorte de crueldades, torturas, estupros, assassinatos de crianças, mulheres e velhos, afinal, não era certo ainda se os índios tinham alma, coisas da etiqueta dos civilizados. Desde então até os dias atuais, vem se praticando o saque sistemático das riquezas e dos territórios indígenas. A troca de surpresinhas, presentinhos, bugigangas eletrônicas, carros usados e qualquer assistência fajuta, leva-se mogno, cerejeira, ouro, diamante, terras e a dignidade dos povos indígenas. Eis a "indústria do indigenismo", que sob a gerência dos civilizados, chapa-branca ou não, nutre-se da cronificação dos problemas indígenas, fome, doença, invasão dos territórios e roubo de suas riquezas.

Não é de se espantar portanto, que os hospedeiros de Cabral, sejam hoje, levemente, tachados de seqüestradores. Fazer cumprir o dever de polícia, face a omissão da Funai em fiscalizar as terras indígenas, detendo invasores armados, caçando e pescando ilegalmente é ser seqüestrador? Se alguns índios adentrassem o pátio de uma empresa, da Coca-Cola por exemplo, para coletar algumas garrafas de refrigerante, e fossem detidos pelos seguranças da empresa, certamente as manchetes seriam outras, do tipo: "índios armados de arco e flecha tentam furtar empresa". Jamais, até que os seguranças da empresa entregassem os índios às autoridades competentes, a empresa seria acusada de "seqüestro". O seqüestrador é quem procura a vítima. A vítima nunca vai à casa do seqüestrador para lhe sugerir o seqüestro. Caso o faça, seria cúmplice do mesmo crime. (continua)

MARCO PAULO FRÓES SCHEITINO É ANTROPÓLOGO DA PROCURADORIA DA REPÚBLICA.